

O telejornal *Bom dia Piauí* e suas tipificações no início da pandemia de Covid-19

1

Thamyres SOUSA de Oliveira²
Universidade Estadual do Piauí, Picos, Pi

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como o telejornal *Bom dia Piauí* construiu suas tipificações em torno do início da pandemia de Covid-19. O corpus da pesquisa é composto por uma cabeça, um ao vivo e um notapé veiculadas no dia 12 de março de 2020, data em que o telejornal noticiou pela primeira vez que vivíamos uma pandemia. Inicialmente, o trabalho trata sobre como o processo de construção de notícias passa por tipificações. Posteriormente, apresenta um breve histórico sobre o telejornal e, por fim, volta-se ao processo analítico no qual percebeu-se que a cobertura realizada pelo Bom dia Piauí buscou trazer um caráter de atualidade e proximidade à cobertura, comportou-se buscando ordenar a notícia didaticamente, trazendo aspectos lúdicos e do cotidiano, mas que, nesta primeira instância, voltou-se apenas a fontes oficiais .

PALAVRAS-CHAVE: Bom dia Piauí; tipificações; pandemia de Covid-19.

Introdução

Em 11 de março de 2020, após a Organização Mundial de Saúde (OMS) considerar que se tratava de uma pandemia a situação mundial em relação à Covid 19, fomos orientados a ficar em casa e manter o distanciamento social devido ao alto grau de contaminação da doença e aos estudos que ainda estavam em andamento sobre o vírus. Por meio do telejornalismo, tivemos acesso a dicas sobre cuidados, decretos e determinações estaduais e municipais, acesso a números, ao panorama da pandemia e outras informações. Contudo, o que era novo para as autoridades em saúde foi também novo para o jornalismo, mas a tentativa de tipificar o acontecimento, ordená-lo foi constante, sobretudo, na televisão.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí -UESPI, email: sousathamyres91@gmail.com.

O telejornal piauiense *Bom dia Piauí*, transmitido pela Rede Clube, afiliada da *Rede Globo* no Piauí, foi um dos programas que se preocupou em ordenar suas notícias já trazendo informações sobre o novo coronavírus. Desse modo, nosso objetivo geral é analisar como o *Bom dia Piauí* construiu suas tipificações em torno do início da pandemia de Covid-19, mais precisamente, no dia 12 de março de 2020, dia em que o telejornal noticiou pela primeira vez que vivíamos uma pandemia.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com base em Goldenberg (2004) e documental com base em Fonseca (2002) que utiliza análise de conteúdo como técnica de análise dos dados.

Para atender à proposta da pesquisa, o trabalho se estrutura do seguinte modo: inicialmente, buscamos entender como processo de construção de notícias passa por tipificações no jornalismo. Posteriormente, apresentamos um breve histórico sobre o telejornal *Bom dia Piauí* com o intuito de compreendermos como o mesmo é constituído e, por fim, nos voltamos para o processo analítico no qual procuramos entender as tipificações que permearam o início da construção da pandemia pela ótica do *Bom dia Piauí*.

A construção da notícia e as tipificações no telejornalismo

O processo que faz com que o jornalismo se aproprie do cotidiano e transforme-o em notícia desperta curiosidade, sobretudo quando se trata de acontecimentos que irrompem, por completo, a esfera dos acontecimentos, como foi o caso da pandemia de Covid-19. Durante este problema de saúde pública, foi por meio da televisão que, em sua maioria, as pessoas buscavam se manter atualizadas sobre os acontecimentos. Se a pandemia foi o lugar do desconhecido até mesmo para pesquisadores da área de saúde, em seus dias iniciais, coube ao jornalismo tornar aquele “mundo” mais organizado.

Em meio às dúvidas do período, fomos invadidos por uma avalanche de informações. Algumas ainda não haviam sido comprovadas, mas o jornalismo deveria estar ali disposto a esclarecer dúvidas e organizar um mundo que se deparava com algo incomum. Associamos muito o jornalismo a este tratamento da informação, ao cuidado com a informação. Para Serra (2003, p.60), “a informação é o conhecimento subjectivo-individual objectivado sob a forma de uma mediação sócio-cultural”, levando para o universo do jornalismo compreendemos que coube ao jornalista que atuou/atua durante a

pandemia unir o conhecimento que possuía, as técnicas jornalísticas e os conhecimentos advindos de suas fontes para levar ao público uma informação coerente.

Correia (2005), ao avaliar os *mass mídia* destaca que eles possuem um importante papel na construção, amplificação, divulgação e partilha de significados. Em um momento pandêmico, acreditamos que este papel, quando desempenhado pela mídia de maneira responsável, foi mais do que necessário, uma vez que nos deparávamos com uma série de termos desconhecidos ou pouco usados. As palavras “pandemia”, “comorbidades”, “isolamento social” e “distanciamento social” eram algumas das que, constantemente, eram esclarecidas pelos profissionais do jornalismo e fontes convocadas, em uma tentativa de organizar os acontecimentos.

Contudo, esta organização do “mundo” não acontece de forma aleatória. Segundo Vizeu (2009), o cotidiano é organizado a partir de regras e normas do campo jornalístico, lugar em que se dá a mediação entre o acontecimento e a notícia em si. Dentro dessa organização, Correia (2005) considera que os jornalistas ocupam uma posição de poder em que eles definem, valorizam e canalizam informações que os mesmos entendem serem importantes para discutir.

Entretanto, para este mesmo autor, este processo de definição não é individual. As relevâncias que os jornalistas estabelecem resultam das interações sociais, de sua própria comunidade interpretativa, do contato com o setor administrativo, de publicidade do jornal, do contato com comunidade regional, nacional e étnica que este indivíduo faz parte e também das representações que este jornalista faz de sua audiência, ou seja, temos uma série de linguagens que interferem nesta tentativa de construção da realidade.

Sodré (2012) considera que esta construção que perpassa o jornalismo é regida por uma presunção de imparcialidade garantida pelo estatuto da profissão e reforça a posição de poder que o jornalismo possui, uma vez que se trata de um lugar em que os fatos são expostos e também no qual se encontram táticas de poder da sociedade civil que disputam por visibilidade e por uma hegemonia das representações.

A discussão encabeçada por Sodré (2012) nos sugere que dentro do jornalismo existe uma espécie de estatuto que faz com que alguns temas sejam mais relevantes para noticiar que outros. Serra (2003) considera a seleção da informação relevante um problema de difícil tratamento, uma vez que além do caráter pragmático da informação deve considerar também os sujeitos envolvidos no processo comunicacional e a situação de relevância da informação.

No telejornalismo, acreditamos que, além dos critérios apontados anteriormente, estabelecer relevâncias torna-se um processo difícil, uma vez que conforme Rezende (2000) trabalha-se com o duelo entre o tempo e uma programação limitada. Consideramos que esta pressão do tempo e da programação limitada é um fator que interfere nas rotinas produtivas de redes de Tv afiliadas que para enquadrarem-se na programação nacional acabam “cortando” de seus telejornais assuntos que seriam relevantes para minorias desfavorecidas e contribuem para que aconteçam tipificações incorretas.

Entre as tentativas de ordenar o mundo, Correia (2005) utilizando-se da obra de Alfred Schutz, coloca que as tipificações são uma maneira de fazer com que o novo encontre semelhanças com o já vivido, possua regularidades, mesmo em situações de eventualidades.

Desse modo, as palavras usadas, o que o jornalista relevante para noticiar ou não, quem ele escolhe para falar na matéria são resultados do processo de tipificação. Berger e Luckmann (1985) também consideram que a vida cotidiana é uma realidade interpretada pelos homens, apreendida por tipificações que interferem na minha interação com o outro e ações repetidas podem estar sujeitas ao hábito.

Quando trazemos esta reflexão de Berger e Luckmann (1985) para a esfera do telejornalismo, compreendemos porquê o público sentiu-se tão motivado a retomar antigos hábitos e se voltou para a televisão durante a pandemia de Covid-19, principalmente, no período mais crítico. Privados de uma maior proximidade física, uma vez que as autoridades de saúde recomendavam o distanciamento social, o telespectador buscava meios de “sentir a notícia”, interpretá-la.

Embora, não se trate de um momento igual ao presencial, pois está sujeito a enquadramentos, o telespectador munido por seus aspectos interpretativos e o contexto social inserido poderia compreender por meio do recurso audiovisual a gravidade da situação, avaliar a participação das fontes convocadas e fazer suas inferências.

Em sua pesquisa filosófica, Searle (2000) discute o conceito de posições-padrão que, segundo o autor, são opiniões que se dão antes da reflexão e o desvio delas exige um esforço consciente e um argumento convincente. Dentre as posições-padrão existentes na sociedade, Searle (2000) aponta a verdade e a realidade. É como se antes de entendermos algo como verdade e/ou realidade já fôssemos marcados por pressupostos.

Considerando o universo telejornalístico, acreditamos que o mesmo trabalha com posições-padrão que são uma tentativa de tipificar o trabalho desenvolvido. Estas

posições-padrão fazem com que algumas imagens sejam utilizadas com frequência como imagens de apoio³, fonte A seja convocada em detrimento de fonte B e o modo de noticiar acontecimentos jornalísticos tenha uma semelhança. Durante a pandemia de Covid-19, acreditamos que uma série de posições-padrão marcaram a cobertura telejornalística e, de certo modo, trouxeram ao público uma sensação de tranquilidade.

Se por um lado as tipificações nos ajudam a estabelecer regularidade em um mundo permeado pelo imprevisível, Correia (2005) nos alerta também para os riscos das tipificações. Um ponto que o preocupa seria a naturalização dos acontecimentos, a insistência na agradabilidade e a preocupação demasiada apenas com o estilo jornalístico. Em se tratando de um momento pandêmico, em que o jornalismo lidou com a divulgação diária de mortes, número de pessoas contaminadas, número de leitos ocupados, apuração e correção de *fake news* divulgadas em redes sociais, o excesso de tipificações poderia conduzir a população a uma espécie de naturalização da pandemia e ocasionar, depois de um certo tempo, a perda do interesse e da identificação com o tema que afetou não só a saúde, mas todas as esferas da sociedade.

Além de um espaço para divulgar informações, o telejornalismo tornou-se um espaço de biopolítica. Tendo em vista que, para Foucault (2010), a biopolítica é uma tentativa de prolongar a vida, acreditamos que as matérias produzidas pelos telejornais deveriam ser produzidas com o intuito barrar a contaminação, orientar os cidadãos sobre as práticas que garantiriam o bom funcionamento do espaço urbano e também estimular que o segmento da população em maior vulnerabilidade fosse assistido. Esta seria a tipificação adequada para o período

Entendemos também o telejornalismo como um lugar de referência, conforme Vizeu e Correia (2008). Foi por meio de sua programação que tivemos acesso ao que se passava em locais mais distantes e na esfera local, visto que, por alguns dias, a recomendação foi de que ficássemos em casa. Com isso, o mundo que nos era apresentado foi construído, principalmente, pela ótica dos meios de comunicação e seguindo as suas condições de produção seja as próprias técnicas jornalísticas, como, por exemplo, a delimitação de critérios de noticiabilidade ou até mesmo a notícia que não foi dada ou foi dada de forma rasa, em função da pressão do *deadline*.

³ São imagens captadas para complementar o off, o texto do jornalista.

Posto isso, reforçamos a ideia de que neste lugar de referência que é o telejornalismo são constituídas tipificações, imagens, arquétipos do que seria a pandemia de Covid-19. Ao analisar operações de construção do telejornalismo, Vizeu e Correia (2008) relatam que a atualidade, a objetividade, a interpelação e a leitura de operadores didáticos são importantes recursos utilizados pelo gênero.

No que se refere à atualidade, faz parte da natureza do telejornalismo apresentar-se como atual, mesmo sabendo da impossibilidade de trabalharmos em cima do tempo do fato. Contudo, é o fato dado como novo que atrai o público.

Sobre a objetividade, ainda ciente da dificuldade de como pessoas nos distanciarmos de quem somos, nossas impressões, o autor relata que no momento em que as notícias do telejornal são dissociadas do comentário tenta-se estabelecer uma possível objetividade.

No que concerne à interpelação, Vizeu e Correia (2008) relembram a necessidade que a produção tem de por meio do texto incluir a audiência nas discussões com recursos como o uso de um pronome (nós). Por fim, os autores discorrem sobre os operadores didáticos que são tentativas de tornar o conteúdo ali apresentado como acessível, organizá-lo, torna-lo “palpável” para o seu público.

É em meio a estes recortes e tipificações que o telejornalismo tenta ordenar o mundo para o seu público. Trata-se de um exercício árduo e que não deve ser um processo que afaste o jornalista da oportunidade de apurar melhor, viver outras experiências em função do que está posto e apoiar-se apenas em ideologias dominantes, invisibilizando outras.

Durante o período de crise da pandemia de Covid-19, a *Rede Clube*, por meio do telejornal *Bom dia Piauí*, foi uma das emissoras que buscou organizar informações e levar ao público os primeiros acontecimentos que remetiam à Covid-19.

Conhecendo o *Bom dia Piauí*

Segundo informações que constam no site GloboPlay, o *Bom dia Piauí* é um telejornal exibido de segunda à sexta que “apresenta as principais notícias sobre a educação, política, segurança, cultura, esporte, comunidade e os principais destaques do Piauí”. O programa faz parte da grade da Rede Clube e acompanha a proposta de regionalização da Rede Globo que procura exibir telejornais locais antes do Telejornal *Bom dia Brasil*.

O programa integra a grade da TV Clube que, segundo Marques (2016), foi a quinta afiliada da, hoje, Rede Globo e surgiu na década de 1970. O autor aponta que o processo que permitiu que a emissora se tornasse afiliada Globo se por um lado trouxe mais anunciantes e permitiu a inserção de novos gêneros e formatos também implicou em mudanças significativas no telejornalismo.

Deste modo, compreendemos que desde a filiação da TV Clube à Globo a emissora já teve forte intervenção do Padrão Globo de Qualidade, ou seja, sua forma de organizar o mundo, tipificá-lo passou/passa também pelo crivo do que é considerado pertinente pela outra emissora.

O programa *Bom dia Piauí*, atualmente, inicia às 6h e vai até às 8h30, ou seja, acompanha o público em duas horas e meia de programação com entrevistas, reportagens, quadros e outros. Trata-se do telejornal de maior duração da emissora, que tem o telejornalismo como principal produto midiático. Marques (2016) relata que o programa passou por algumas modificações com a inserção de novas tecnologias e de um cenário que permite maior mobilidade para os apresentadores.

Além da equipe de Teresina, onde a emissora fica sediada, o telejornal conta com correspondentes das cidades de Picos, Floriano e Parnaíba. A divisão permite que outras regiões do estado sejam mais aprofundadas pela ótica de correspondentes locais, profissionais que estão em cidades afastadas da capital e que podem reconhecer melhor as demandas locais a ponto de agendá-las para ter notoriedade em um jornal que engloba boa parte do estado e que tem como proposta apresentar os “principais destaques do Piauí”.

O *Bom dia Piauí* e suas tipificações

Antes de buscarmos nos debruçar sobre a parte analítica em si é interessante reforçarmos que se trata de uma pesquisa qualitativa e segundo Goldenberg (2004), esse tipo de pesquisa não se volta para a representatividade numérica, mas para o aprofundamento de um grupo social, de uma organização e, portanto, entendimento das dinâmicas sociais.

Como observáveis da pesquisa, utilizaremos um ao vivo, acompanhado de cabeça⁴ e notapé⁵ que fizeram parte do telejornal *Bom dia Piauí*, e que foram, posteriormente, disponibilizados na sessão de vídeos do G1.globo.com, o que caracteriza a pesquisa

⁴ Texto lido pelos apresentadores para anunciar uma matéria. É o lead da TV.

⁵ Informação acrescentada pelo jornalista após uma matéria ser veiculada.

também como documental, pois envolverá materiais que não passaram por um processo analítico (FONSECA, 2002).

Como técnica de organização e análise de dados, utilizaremos a análise conteúdo com base em Bardin (2011). Para a autora, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que tem como objetivo inferir conhecimentos relacionados às condições de produção ou recepção, que podem ser quantitativos ou não. Com o intuito de compreendermos as tipificações que envolvem o início das informações sobre a pandemia de Covid-19, no *Bom dia Piauí*, utilizaremos as seguintes categorias: critérios de noticiabilidade; operadores didáticos e linguagem adotada pelos jornalistas e fontes convocadas.

Na categoria *Crítérios de Noticiabilidade* buscamos identificar que critérios de noticiabilidades foram utilizados para a construção do conteúdo jornalístico e como os mesmos colaboraram para a tipificação do tema. Já na categoria *Operadores didáticos e linguagem adotada pelos jornalistas*, nos reportamos a avaliar como o veículo jornalístico interagia com o seu público e, por fim, na categoria fontes convocadas buscamos identificar que fontes foram convocadas e que efeito elas tiveram sobre as tipificações realizadas.

Critérios de Noticiabilidade

Por entendermos que existe a impossibilidade de tornar todos os acontecimentos em acontecimentos jornalísticos, os critérios de noticiabilidade são uma tentativa de organizar o mundo. Segundo Traquina (2008), é com base nos critérios de noticiabilidade que se consegue uma previsibilidade do esquema geral de notícias e é possível identificar a aptidão de um tema ou outro para necessitar de tratamento jornalístico.

Posto isso, os critérios de noticiabilidade tornam-se uma estratégia de tipificação do conteúdo jornalístico. Os acontecimentos mudam, mas os critérios de noticiabilidade partilham semelhanças com algo já vivido a fim de encontrar em algum acontecimento o valor-notícia.

Na edição do *Bom dia Piauí* de 12 de março de 2022, percebemos que para noticiar o início da pandemia de Covid -19 o jornal se utilizou de um critério de noticiabilidade bastante comum: a atualidade. Embora a Organização Mundial de Saúde tenha declarado que vivíamos uma pandemia em 11 de março de 2020, a edição diária do *Bom dia Piauí*

já havia acontecido e para manter o caráter de atualidade que, segundo Vizeu e Correia (2008), é imprescindível para o telejornalismo o *Bom dia Piauí* fez questão de voltar-se a este acontecimento na época recente e atualizar informações.

Na cabeça lida pelo apresentador Felipe Pereira, antes de convocar o repórter Antonio Rocha, é possível perceber a necessidade de atualização do tema na frase: “Ontem, a Organização Mundial de Saúde declarou pandemia para o Covid-19. O presidente Donald Trump, inclusive suspendeu os voos da Europa para os EUA” (*Bom dia Piauí*, 2020). Observa-se que, mesmo utilizando o termo “Ontem” que sinaliza uma distância temporal do acontecimento (a declaração de pandemia emitida pela OMS), o jornal já se voltou para trazer um pouco da repercussão, trouxe um fato novo envolvendo a postura do presidente dos EUA. Este fato proporciona uma maior atualização do caso e já foi mostrando o posicionamento de alguns dirigentes.

Em meio a esta tentativa de atualizar o acontecimento, percebemos na fala do apresentador uma relevância dada aos Estados Unidos grande potência econômica que teve sua atuação reforçada, inclusive antes mesmo de ser discutida a situação da Covid-19 no Brasil. A frase “O presidente Donald Trump, inclusive suspendeu os voos da Europa para os EUA. Aqui no Brasil já são 69 casos confirmados. No Piauí, oito são suspeitos. Eles estão sendo investigados um deles é na cidade de Picos, na região sul” (*Bom dia Piauí*, 2020) retrata como as relevâncias foram tratadas considerando, inicialmente, a situação do exterior e posterior uma situação local, ou seja, mais próxima. Acreditamos que esta forma do telejornal construir seu texto escrito para ser falado contribui para a impressão de que mesmo com um conteúdo sucinto o mesmo opera buscando se tornar referência sobre um tema.

Ainda sobre critérios de noticiabilidade, a proximidade é um critério bastante presente em telejornais locais. Trata-se de uma tipificação frequente nas rotinas produtivas, uma vez que o objetivo destes telejornais é estabelecer uma identificação com seu público, sobretudo quando se trata de um telejornal que se coloca com a proposta de apresentar os “principais destaques do Piauí”. Ainda na cabeça lida pelo apresentador Felipe Pereira, verificamos como a proximidade pautou a declaração da OMS no telejornal. Com a expressão “Aqui, no Brasil, já são 69 casos. No Piauí, oito são suspeitos. Eles estão sendo investigados. Um deles é na cidade de Picos, na região sul” (*Bom dia Piauí*, 2020), observamos que o telejornal aos poucos buscava contextualizar a pandemia com a realidade local.

Percebemos na cabeça a presença de marcadores geográficos como “na região sul” que se preocupam em situar o telespectador, trazê-lo para perto da notícia, ou como relata Correia (2005) no texto fica presente uma tentativa de agradabilidade, pessoalidade, mesmo se tratando de uma notícia ruim.

Entendendo o telejornalismo como um lugar de referência como apontam Vizeu e Correia (2008), informar os brasileiros e piauienses sobre o que acontecia no mundo e atualizá-los de como estava a situação em âmbito local tratava-se de uma iniciativa que aproximava os telespectadores de uma problemática que já afetava o mundo.

As expressões “Aqui no Brasil”, “No Piauí”, “na cidade de Picos, na região sul” também atualizavam a informação para a instância local, que, de certo modo, produzia uma maior afetação em seu público. A ideia era fazer com que o público local percebesse que a Covid-19 já se tratava de uma preocupação e que tanto as autoridades quanto a população deveriam se preparar para o enfrentamento.

Como Picos era uma das cidades em que se tinha um caso suspeito, o telejornal acionou o correspondente da cidade para informar atualizações sobre o caso e trazer como o município se preparava para o enfrentamento. Nos caracteres que situam o telespectador em relação ao que está sendo noticiado, o público poderia acompanhar que as expressões “Novo Coronavírus” e “Secretaria de Saúde de Picos” contribuía para inserir o tema na esfera local.

É importante reforçarmos que este critério de proximidade é estabelecido até mesmo na descrição do telejornal no site G1. Como informamos, o *Bom dia Piauí* se apresenta como o telejornal que “apresenta as principais notícias sobre a educação política, segurança, cultura, esporte, comunidade e os principais destaques do Piauí” (G1, 2020). O termo “principais destaques do Piauí” reforça o quanto o local, o próximo, o referente ao estado do Piauí se tornam uma premissa para “ordenar o mundo” quando se trata deste telejornal matinal.

Operadores didáticos e linguagem adotada pelos jornalistas

Ao discutir tipificações, Correia (2005) destaca que até a linguagem adotada pelos jornalistas é tipificada, ou seja, apesar das subjetividades que perpassam pela mesma esta linguagem possui semelhanças. No conteúdo que analisamos do *Bom dia Piauí*, constatamos que tanto o repórter Antônio Rocha quanto os apresentadores Felipe Pereira e Marcela Priscila adotam tom professoral, ou seja, se utilizam do espaço ofertado pelo

telejornalismo para explicar de modo didático e lúdico a pandemia e como o público deveria se portar diante dela.

Se o telejornalismo é visto, de certo modo, como um gênero democrático e se tratando de um vírus sobre o qual se sabia pouquíssimas informações tornava-se essencial por parte do jornalismo democratizar as informações sobre a Covid-19. Percebemos que estes operadores didáticos estiveram presentes na fala do repórter Antonio Rocha durante o ao vivo.

Ao reportar-se à entrevistada Ionara Holanda sobre cuidados que a população deveria adotar em relação ao novo coronavírus, o repórter já traz em sua fala perguntas que, indiretamente, estão acompanhadas de recomendações para a proteção contra o novo coronavírus. Um destes pontos pode ser observado na frase: “Por exemplo, o quê que a gente pode adiantar de dica, por exemplo, a questão de lavar as mãos é essencial...” (Bom dia Piauí, 2020). A fala do repórter com termos bem utilizados na docência como “por exemplo” estimula que a entrevistada discorra, detalhe um pouco mais sobre os cuidados com a doença, o que beneficia o público em geral que acompanha a entrevista.

Nesta mesma entrevista, identificamos a presença de operadores didáticos quando o repórter se volta para a necessidade de precaução do telespectador em relação a avalanche de informações. Ao introduzir a pergunta com “A gente sabe que, desde domingo, tem surgido muitos áudios nas redes sociais e assim muita informação desencontrada está circulando. E aí ideal é procurar o serviço de saúde para buscar uma informação precisa...” (Bom dia Piauí 2020), o repórter aconselha o público, argumenta sobre a necessidade de informação e termos como “ideal” fortalecem sua fala. Se foi o telejornalismo um dos principais locais que a população buscou se informar, cabia a ele oferecer as recomendações necessárias, uma vez que conforme Correia (2005) os *mass media* são importantes para a partilha de significados.

Os operadores didáticos estiveram também presentes no notapé conduzido pelos apresentadores Marcela Priscilla e Felipe Pereira. A apresentadora Marcela Priscilla reforça a fala da entrevistada, Ionara Holanda informando que o uso da máscara ainda não era necessário por parte de toda a população. Naquele momento, apenas as pessoas contaminadas deveriam utilizar. Com a fala “Agora sim, a higiene, principalmente a higiene das mãos, essa sim é necessária” (Bom dia Piauí, 2020), a apresentadora por meio de termos como “principalmente”, “é necessária”, reforça a necessidade de lavagem das mãos.

O apresentador Felipe Pereira também se comportou oferecendo dicas de como proceder durante a pandemia. Podemos observar no trecho a seguir: “Tem uma dica que é bem interessante... É claro que você tem que lavar as mãos a partir daqui, do antebraço, até as unhas, a pontas dos dedos. E você também [deve] fazer uma avaliação se você está lavando direitinho é que o tempo que você deve passar lavando as mãos é o tempo do parabéns. Você canta o parabéns durante aquele tempo todo e é o tempo certo de se lavar as mãos” (Bom dia Piauí, 2020). Ao informar que daria “uma dica que é bem interessante” fazendo alusão ao “cantar parabéns”, o apresentador se porta como um enunciador pedagógico e ordena a notícia trazendo uma proximidade maior junto ao público. O telespectador já estava informado sobre a necessidade de higienização correta das mãos, mas o apresentador complementou a informação trazendo analogias que poderiam facilitar a compreensão.

Fontes convocadas

No que se refere às fontes convocadas, muitas vezes, ao acompanharmos a mesma notícia em telejornais diversos constatamos uma convergência de fontes. Isto se deve às tipificações que estão intrínsecas nas rotinas telejornalísticas. Dentro do “ao vivo” estruturado pelo repórter Antônio Rocha, percebemos que as fontes convocadas para noticiar o acontecimento foram apenas as fontes oficiais, uma posição -padrão que muitas vezes é adotada pelo jornalismo quando se quer construir uma realidade, sobretudo em temas em que afetam boa parte da sociedade, como a pandemia de Covid-19. Entretanto, as fontes oficiais, segundo Pena (2015), representam organizações e correm o risco de serem mais tendenciosas.

As fontes escolhidas para as entrevistas foram Robson Cleviano, coordenador epidemiológico do município e Ionara Holanda, coordenadora de atenção básica no município. Ao voltar-se apenas a estas fontes oficiais, o telejornal exercia, indiretamente, um tom de cobrança em relação aos agentes públicos, mas corria o risco de oferecer uma visão reduzida do que o início da pandemia representava para a cidade.

Tratava-se de um momento de muitas dúvidas e o próprio repórter alertava sobre a necessidade de proteger-se do bombardeamento de informações falsas. Na frase “ A gente sabe que muita informação desconhecida tá circulando e aí o ideal é procurar o serviço de saúde para buscar uma informação precisa” (Bom dia Piauí, 2020), Antônio

Rocha incentiva a fonte a oferecer uma mensagem que estimule o público a não corroborar com a desinformação.

No Manual de Edição em Jornalismo Científico do KSJ (2020), o autor reforça a importância de as matérias que envolvem saúde preocuparem-se em não oferecer conteúdo enganoso e errôneo. No momento em que o repórter instiga a fonte convocada a instruir o público sobre os riscos e como proceder em casos de desinformação, ele colabora para que se tenha responsabilidade social ao divulgar o conteúdo. Optar por escolher abordar apenas fontes oficiais pode ser uma tipificação questionável em um momento em que a população estava cheia de dúvidas e queria ser ouvida, mas entendemos que quando bem questionadas estas fontes podem contribuir para que se tenha um diálogo que não seja alheio às relevâncias necessárias em um momento como esse em que a sociedade se deparou constantemente com a desinformação.

Contudo, percebemos que se falou para o público, mas a sua fala não esteve presente, neste primeiro momento, no conteúdo como fonte e nem por meio do envio de perguntas e comentários, estratégia de aproximação muito utilizada pelos telejornais. Esta tipificação pode contribuir para que relevâncias já dominantes sejam divulgadas e minorias tipicamente desfavorecidas sejam silenciadas.

Por meio das categorias apresentadas, constatamos que, no momento em que a pandemia se disseminava, o telejornalismo já exercia tipificações que buscavam aproximar e esclarecer o público sobre um inimigo até então desconhecido, mas ainda se tinha uma cobertura tímida, uma vez que um dia após a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar que vivíamos uma pandemia apenas este conteúdo “ao vivo.” de, aproximadamente 7 minutos foi disponibilizado neste programa de 2h30 de duração.

Considerações finais

Pensar as tipificações do telejornalismo do *Bom dia Piauí* no início da pandemia de Covid-19 é convocar para pensarmos pontos positivos da cobertura e que poderiam ter sido evitados. Sabemos que o jornalismo ocupou uma posição de extrema importância na construção do “real” sobre a chegada da doença no estado. Em um momento que exigia distanciamento social, o telejornalismo foi os nossos olhos em espaços que não poderíamos chegar. Por meio dele, o mundo foi ordenado para muitas pessoas.

Construir a notícia trazendo os critérios de atualidade e de proximidade foi uma estratégia que permitiu ao telespectador compreender como o mundo começava a se

portar diante da pandemia e alertou também para a necessidade de nas instâncias locais já existir maior preocupação. Ao trazer um correspondente da cidade de Picos, que teve um dos primeiros casos suspeitos de Covid-19, o telejornal reforçava a proximidade como critério de noticiabilidade e fazia com que os piauienses compreendessem que o vírus era um inimigo próximo.

Outro critério utilizado para a tipificação do acontecimento que nos chamou atenção foi o uso de operadores didáticos presentes na linguagem dos jornalistas. No conteúdo analisado, percebemos que tanto o repórter como os apresentadores estavam empenhados em fazer com que o telespectador compreendesse a gravidade de uma pandemia e começasse a reforçar os cuidados em relação ao coronavírus. O telejornalismo do *Bom dia Piauí* mesmo disponibilizando um tempo de cerca de 7 minutos para debater o tema já se portava de maneira didática e buscava orientar o telespectador sobre como o mesmo deveria se portar para evitar a contaminação.

As fontes convocadas para falar sobre o início da pandemia foram também um aspecto de tipificação que nos voltamos para analisar. Sabemos da importância do uso de fontes oficiais em um momento em que a população pouco compreendia o que era uma pandemia e que os estudos sobre o vírus ainda eram escassos, mas também compreendemos que o foco apenas em fontes oficiais ofereceu um olhar reducionista sobre a chegada da Covid-19 e deu pouco espaço para que a população manifestasse suas inquietações diante de um assunto sobre o qual as redes sociais digitais já estavam repletas de *fake news*. Acreditamos que esta tipificação contribuiu para o fortalecimento de relevâncias dominantes e que minorias tipicamente desfavorecidas fossem silenciadas naquele primeiro momento.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERGER, P. I, LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 12ed. Petrópolis :“Vozes, 1985.

BOM DIA PIAUÍ. **Secretaria de Saúde de Picos monta comitê para monitorar casos suspeitos de coronavírus**. Teresina, 12 de mar de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/edicao/2020/03/12/videos-bom-dia-piaui-de-quinta-feira-12-de-marco-de-2020.ghtml>. Acesso em: 1 jan de 2023.

-
- CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- FONSECA, João. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Apostila. Fortaleza: UEC, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MANUAL de edição em jornalismo científico do ksj mit. Cambridge**: Instituto de Tecnologia de Massachusets, 2020. Disponível em : <https://interd.net.br/manual-de-jornalismo-cientifico-disponivel-para-download/05/11/2021/>. Acesso em: 17. jan de 2023.
- MARQUES, R. da S. **Rede Clube: movimentos estratégicos como processo de regionalização e manutenção de liderança no mercado**. 2016. 155 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- REZENDE, Guilherme. J. de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.
- SEARLE, John. **Mente, Linguagem e Sociedade: filosofia no mundo real**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SERRA, Paulo. **Informação e Sentido: o Estatuto Epistemológico da Informação**. Covilhã/Portugal: LabCom, Universidade da Beira Interior, 2003.
- SODRE, Muniz. **A narração do fato**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional, 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.
- VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. IN: VIZEU, Alfredo. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 40, p. 77-83, dez 2009.